

A logística numa escavação arqueológica

José d'Encarnação^{a, @}

^aCentro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património.
[@]Contacto: jde@fl.uc.pt

Resumo

São normalmente publicados os resultados científicos numa escavação arqueológica, singular ou composta de sucessivas campanhas. Porventura fica na sombra a logística que importa garantir, para que esses resultados sejam os melhores e alcançados nas melhores condições.

Neste 'relatório' (chamemos-lhe assim) se chama a atenção para esse trabalho de retaguarda, apresentando, singelamente, como testemunho o que se levou a efeito na escavação da *villa* romana de S. Cucufate (Vidigueira, Portugal), por uma equipa luso-francesa, desde 1979 a 1984.

Palavras-chave

logística numa escavação | *villa* romana de S. Cucufate | arqueologia e comunicação | arqueologia e comunidade

Résumé

On publie d'habitude les résultats scientifiques de la fouille ou d'une campagne de fouilles d'un site archéologique. Toutefois, on oublie souvent que le succès de cette recherche a besoin d'avoir en tant que support essentiel toute une série de démarches à faire avant, pendant et après les travaux au champ.

En prenant le cas de ce que c'est passé pendant la fouille de la *villa* de S. Cucufate (Vidigueira, Portugal), aux années 1979-1984, une fouille menée à bout par une équipe luso-française, on envisage, avec ce modeste rapport, attirer l'attention sur cette indispensable arrière-garde.

Mots clés

logistique d'une fouille | *villa* romaine de S. Cucufate | archéologie et communication | archéologie et communauté

No âmbito do Seminário Internacional «S. Cucufate no Mundo Romano», realizado na Vidigueira, a 21 e 22 de Setembro de 2019, tive oportunidade de – a propósito desse «reencontro 40 anos depois» – evocar o que fora a minha intervenção no seio da equipa luso-francesa que, desde 1979 a 1984, durante um mês no Verão (2^a quinzena de Agosto e primeira de Setembro), procedeu à escavação sistemática da *villa* romana de S. Cucufate (Vila de Frades).

De uma escavação arqueológica se publicam habitualmente os resultados científicos alcançados. Estas campanhas em S. Cucufate não foram excepção, brindando-nos os seus responsáveis com dois magníficos volumes de síntese (Alarcão, Étienne & Mayet 1990), tendo havido ainda a oportunidade de outros trabalhos se publicarem, não apenas de enquadramento da *villa* no contexto arqueológico identificado no decorrer das campanhas (Mantas, 1988), como também sobre aspectos específicos: a cerâmica comum (Pinto, 2003 e 2006), os *dolia* (Pinto, 1997), as ânforas (Mayet & Schmitt, 1977), os objectos de metal (Ponte, 1990), os vidros (Nolen, 1988)... Enfim, desse ponto de vista estreitamente científico nada terá sido olvidado.

Esquece-se, porém, ou, pelo menos, não merece particular atenção o facto de, para a campanha funcionar em pleno, se requerer adequada logística aos mais diversos níveis, desde o alojamento às refeições, ao material de escavação, à atenção às ocasionais necessidades dos intervenientes, à organização dos momentos de convívio...

Na verdade, uma campanha de escavação é feita por pessoas e não por autómatos. Hoje, em que o computador portátil e o telemóvel constituem solução imediata para todas (ou quase todas) as emergências, importa recordar que, entre 1979 e 1984, essa facilidade não existia!

Perdoar-se-me-á, conseqüentemente, que eu me faça eco do que, nesse seminário dos 40 anos, apresentei, mantendo a tonalidade oral que lhe quis, então, imprimir.

Saudei, na altura, o «chefe», designação que de há muito atribuíramos, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao Doutor Jorge Alarcão. Evoquei a sua constante e serena deambulação pelo campo, levantando mentalmente questões acerca da finalidade e razão de ser desta ou daquela inesperada estrutura

Figura 1. Instantâneo do diário matinal (1983)



posta a descoberto, analisando acuradamente a estratigrafia, fumando os seus pensativos cigarros... As enxaquecas perturbavam-no, por vezes, obrigando-o a extemporâneo repouso diurno; creio bem, no entanto, que, mesmo nessas alturas, o seu espírito era ali, no campo, que se mantinha.

Françoise Mayet acompanhei-a, frequentemente, na elaboração do diário matinal (Fig. 1), em que se tomava miúda nota do que, no dia anterior, se adiantara em cada quadrado: que novidades, que materiais mais sugestivos... Dirigia F. Mayet o grupo das «laveuses», grupo de jovens da Vidigueira especialmente contratadas para cuidadosa lavagem da cerâmica, uma função nada despicienda e fundamental, porquanto os restos cerâmicos são abundantes e trazem muita informação acerca, nomeadamente, das correntes económicas.

Recordei, naturalmente, o ‘chef’ francês, Robert Étienne (†2009), ele sempre com vontade de chegar ao fim, de descobrir novidades, descobrir, descobrir... E penso que, mesmo no compensador e imprescindível sono da sesta, o seu pensamento não parava de se interrogar.

Dos que também já partiram lembrei Jeannette Nolen (†2016), a arqueóloga mais meticulosa que alguma vez já acompanhei; quase se não dava por ela, nos quadrados que foi abrindo e minuciosamente desenhando; um encanto o seu relatório diário! Dificilmente se encontrará igual. Cedo nos deixaram ainda Jean-Noël Bonneville (†1986), e Helena Frade (†2014). A Helena esteve diligentemente presente todos os anos. E não pode omitir-se uma referência a Carlos Goes (†2017), o autarca que nunca regateou apoio.

Poderá esta evocação logística ficar mal enquadrada num seminário que conta com tão sabedores arqueólogos no que às *villae* diz respeito. Na verdade, não a pensei em termos científicos, ainda que (perdoar-se-me-á!) talvez só aparentemente a tonalidade o não seja. A nossa função de arqueólogos não se reduz, felizmente, à tentativa de pôr em prática, no campo, a teoria aprendida (e ensinada!) nas aulas. Esse mês de S. Cucufate, de 1979 a 1984, equivaliu, para todos os participantes, a muitas horas de aula. Aí muitos de nós nos aperfeiçoámos como arqueólogos.

1. Uma escola

Esta, aliás, a experiência que eu viria a ter logo de seguida, em Freiria, com os meus estudantes que, nesses escassos quinze dias das várias campanhas (15 ao todo, de 1985 a 1999), tanto aprendiam ali no campo. É preciso sujar as mãos, saber pegar na picareta e na pá, olhar a terra, desenterrar cuidadosamente a cerâmica, ter paciência para não querer virar logo uma pedra enterrada só porque se suspeita que, do outro lado, ela possa ter uma inscrição... E o que aprendemos em S. Cucufate viríamos a aplicar com pleno êxito, o Guilherme Cardoso e eu, em Freiria.

Não posso afirmar ter sido arqueólogo no sentido exacto do termo, em S. Cucufate. Não escavei sistematicamente, ainda que, de vez em quando, o ‘bichinho’ falasse mais alto e eu saltava para um quadrado e agarrava no colherim ou no picão...

Que experiência tive eu então?

Que significou S. Cucufate para quantos por ali passaram?

Direi que, em primeiro lugar, gozei do privilégio de, com os que viriam a ser os responsáveis da missão, ter percorrido o País, desde Bobadela (em Oliveira do Hospital) à Quinta de Marim (Olhão), a Serpa, Évora, Beja, Miróbriga... quando, após o circuito urbano (*Conimbriga*) da missão luso-francesa, se procurava prosseguir nessa colaboração, agora em meio rural. Vários dias de grande aprendizagem, que não esquecerei e que agradeço, após o estágio em Bordéus. Escolheu-se S. Cucufate, que fora intervencionado antes por D. Fernando de Almeida, o meu primeiro mestre de Epigrafia. E foi boa a escolha!

Responsabilizaram-me pela *logística*. Competia-me apitar para começo e fim da jornada, começo e fim da pausa para o almoço.

Uma experiência fecunda, porque uma escavação com tanta gente (uma média de 50 pessoas) requeria, de facto, todo um trabalho de retaguarda, os aspectos comezinhos do dia-a-dia e a utilitária 4L sempre pronta: o material que falta (compram-se caixas Plastidom mod Domplex 498?); o telefonema que é preciso fazer (não havia telemóveis); o dinheiro que se tem de levantar; a ementa das refeições, como se aquece a água na Escola?...

As refeições. Todos sabemos, por experiência, o que a programação das refeições implica no quotidiano familiar. Imagine-se o que seria para uma vintena de pessoas, em que os elementos saídos da tropa não havia muito tempo classificavam de «estilhaços» uma ementa ligeira de pedaços de queijo, presunto!...

Esse obrigatório convívio com as gentes da Vidigueira a que a função de «elo de ligação» me obrigava enriqueceu-me muito! Lembro-me das caves da casa de um senhor onde o queijo barrado a colorau rescendia; recorde a visita aos Telheiros dos Pizões, de Joaquim Romão Trole, a quem encomendámos 4000 ladrilhos, por 100 contos, conforme se lê na factura 181, de 9.9.81, ladrilhos feitos à maneira romana, para a reconstrução, por exemplo, dos arcos e das *suspensurae* das grandes termas (Fig. 2)...

Uma aprendizagem de democracia, de trato com todos – que os trabalhadores e as *laveuses* eram como nós. Por isso também, logo no primeiro ano se instituiu a adiafa, recuperação muito bem-vinda da vetusta tradição do labor alentejano (Figs. 3 e 4), a que, uma vez por outra, se não resistiu a um cante alentejano (Fig. 5), sempre muito apreciado tanto por nós como, de modo especial, pelo grupo francês.

E o que aprendi mais? O que aprendemos?

A organização duma grande escavação. A definição de objectivos. A acertada escolha de meios. Os *briefings* constituíam mais um momento para mui ajustada reflexão.

Ciência arqueológica, sim, aprendemos muita.

Por certo concordarão comigo quantos passaram por S. Cucufate – os fugazes espojinhos que levavam chapéus e papéis pelo ar; o ronco, também ele quase instantâneo, dos F-16 da Base Aérea de Beja; o aguadeiro que não tinha descanso no seu vaivém desde o poço que descobríamos até às bilhas estrategicamente espalhadas pelo terreno, à sombra... – todos concordarão comigo que, além da ciência arqueológica, a maior aprendizagem foi de **vida**.

Figura 2. Restauro das suspensurae das grandes termas

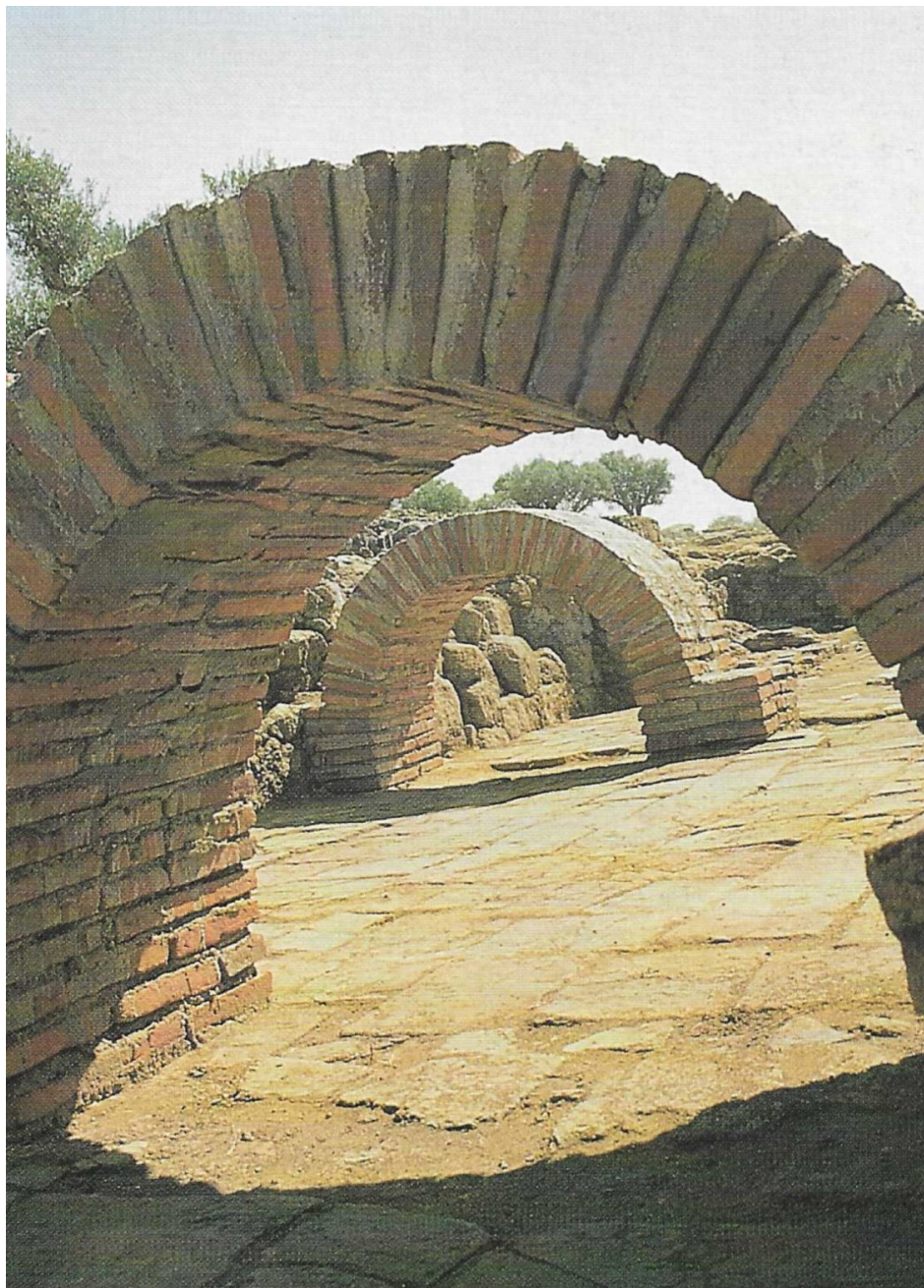


Figura 3. Instantâneos da adiafa (1982)



Figura 4. Instantâneos da adiafa (1982)



Figura 5. O cante



Vida em comum! O difícil acordar, aí que não acerto com a escova de dentes! O apressado pequeno almoço...

E os episódios que nos marcaram.

– A passagem, de vez em quando, ao fim da jornada, pela frescura da adega do Ti Carlos, com as suas grandes talhas (Fig. 6), um copito a escorrer, o naco de pão, o pedaço de queijo cortado a canivete... Maravilha!

– O banho no tanque da Horta de S. João (fig. 7); no tanque ou sob improvisado chuveiro, para refrescar. A casa da Horta fora posta à nossa disposição pela Câmara Municipal.

– A cena do Pierre Sillières. Na esplanada, com uma cervejinha à frente: «Olha! Aquela parece mesmo a minha *baignole!*» (automóvel, em gíria francesa). E era mesmo! Sabíamos que escondia as chaves num dos faróis e... roubáramos-lhe a 4 L!

– A resposta do «Alacrau» ao chefe francês que o incitava *vite, vite!* – «Viste-me? Aonde é que tu me viste?». E foi gargalhada fungada, perante o espanto do *chef*, que nada percebera do trocadilho.

Escusado será dizer que eu procurava ter o diário sempre à mão. O rol das presenças, mormente dos trabalhadores camarários (Fig. 8). Ainda guardo as folhas rascunhadas com os recados de ir à ‘aldeia’ (Fig. 9), as contas... Aiai, as contas!... Contas à do Ricardo, à do Contento (Fig. 10); as facturas das refeições (Fig. 11); contas da lavadeira; contas da cal; o pagamento da areia; o pagamento do vinho; a compra dos selos; tapas para 40 pessoas; sachos; pagamento do *dumper*; guardanapos; o custo das chamadas telefónicas; fumava-se Português Suave e SG filtro; o inventário (Fig. 12); copos, garfos, chávenas... António Joaquim da Rosa & Filhos forneceu um portão de ferro em vergalhão de 25 mm com fechadura e ferrolho por 32 125\$00...

As informações a disponibilizar à Comunicação Social. Estiveram presentes, entre outros: Carlos Alberto, da Reuter, a 12-9-1980; Ramiro Santos, da RDP; Almeida Perucho, para o *Telejornal*; Feliciano Ferreira, do *Correio da Manhã*; Raul Durão, *País, País*, reportagem, em 1980, que teve grande repercussão; o repórter Jorge Simões fez, a 7 de Setembro de 1984, reportagem para o Programa «Fim-de-semana» da RTP (Fig. 13). Ampla reportagem no *Diário do Alentejo*, a 14-9-1984, da autoria do director-adjunto, João Paulo

Figura 6. A adega do Ti Carlos, em Vila de Frades (1982)



Figura 7. Hora do banho no tanque da horta



Figura 8. Excerto da folha de ponto

CÂMARA MUNICIPAL DE VIDIGUEIRA		Folha de ponto do pessoal empregado nos trabalhos de																											
		Mês de _____ de 19__																											
Designação	NOME S (1)	1.ª SEMANA	2.ª SEMANA	3.ª SEMANA	4.ª SEMANA	5.ª SEMANA	6.ª SEMANA	7.ª SEMANA	8.ª SEMANA	9.ª SEMANA	10.ª SEMANA	11.ª SEMANA	12.ª SEMANA	13.ª SEMANA	14.ª SEMANA	15.ª SEMANA	16.ª SEMANA	17.ª SEMANA	18.ª SEMANA	19.ª SEMANA	20.ª SEMANA	21.ª SEMANA	22.ª SEMANA	23.ª SEMANA	24.ª SEMANA	25.ª SEMANA	26.ª SEMANA	27.ª SEMANA	28.ª SEMANA
1.	Assísio José Lemos Leal	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
2.	Faustino Augusto Nunes	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
3.	Fernando Francisco M. Aguiar	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
4.	Francisco António de Almeida	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
5.	" Maria Fonte	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
6.	Inês Rosa Pereira Amado	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
7.	" Francisco "	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
8.	José António Santos	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
9.	" Baltasar Vidigueira	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
10.	José Francisco Alberto Lemos	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
11.	" " Bruno	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/
Total dos dias																												(b)	
																												Doutor	

Velez.

A necessária ligação com a comunidade, a explicar o que estávamos a fazer, para que o sítio começasse a ser de todos e todos entendessem o seu significado. Houve, por isso, uma conferência na Casa do Povo e, a 9.9.1980, precedida pela distribuição de panfletos (Fig. 14), Jorge de Alarcão fez uma palestra na Escola Preparatória da Vidigueira.

Da Comunicação Social permita-se-me que recorde dois momentos: o nosso espanto quando a repórter da RTP nos apareceu de saltos altos a andar por cima das ruínas; e a grande aprendizagem que foi para mim, por duas vezes, o diálogo com Rafael Correia, do *Lugar ao Sul*, da Antena Um. Neste caso, após os primeiros segundos de gravação, Rafael Correia parou e voltou-se para mim:

– Professor, deixe esse ar! Converse comigo naturalmente!

Aprendi! – e essa atitude pus em prática, invariavelmente, no programa de entrevistas que mantive, durante quinze anos, em Rádio Clube de Cascais.

Aprendi – com os mestres, com os colegas, com o povo! Amiúde cito uma frase de Mestre Vitorino, que me calou fundo: «Quando as águas derregam, os abismos não enchem!». Ou, dizendo doutra forma: «Águas tormentosas não enchem abismos!».

S. Cucufate foi notícia e muitos foram os que, ao longo das campanhas, nos visitaram. Cito alguns: Doutor Bairrão Oleiro, a 1/9/1980; Dr. Francisco George, Delegado de Saúde de Cuba, a 8/9/1980; Manuel Rodrigues Masseno, Governador Civil de Beja, a 2/9/1983; Cláudio Torres, a 30/8/1983; Martin Höck, do Instituto Arqueológico Alemão; Caetano de Melo Beirão, director do Serviço Regional de Arqueologia do Sul; Alain Tranoy e Patrick Le Roux, a 3/9/1984; o Conselheiro Cultural da Embaixada de França, a 6/9/1984; o Director do Museu de Évora, a 11/9/1984; o Eng.º Pinto da Silva, da Estação Agronómica Nacional.

Recordar-se-á ainda:

– que foram elementos do Gabinete de Apoio Técnico de Beja que efetuaram a marcação topográfica das ruínas, de 4 a 6 de Agosto de 1983;

– que, a 12/9/1984, se deslocaram ao campo profissionais do Centro de Saúde da Vidigueira, a fim de medir a tensão arterial, fazer o despiste da diabetes e proceder à vacinação antitetânica de todos os

Figura 9. Rol de recados

3º dia , 22/8/84

- ✓ = feições p/ tens
- ✓ = picos 1983
- ✓ = -bleu comido
- - 12 vassouras piasakia
- ✓ = bidos/ópus p/ 5º
- ✓ = + 1 lavadº p/ 5º
- ✓ → - 1 l concentra polivinila (telefonei a padre)
- participacão com
- representacão calpío
- ✓ = cartas - pelos p/ lms ord
- ~~sub leu bñ~~
- • Naprick 17.
- ✓ = 10 pº
- 10 piment
- 10 unhas
- o p. = com. pº formen / recta avda na p.m. p.m.
- ver fact. dos triângulos - pt formen (2nos 8)
- • Robertoz

2 domingos

13 P
8 F

6 cols' → 24. franc

cols'

- ✓ Jean 017 Hº de 2º andar ②
- ✓ Diogo 1 Hº 1º/2º andar
- ✓ Iona 1 Hº 1º/2º andar (2º + 3º)
- ✓ Hantoz

Anexo pº Lavinia Pires

o. p/ fº

inclui Alho.

partes - 280p

chaves - 310p

levar - 280p

Figura 10. Uma das contas

António João Contente & Filhos, Lda.

FERRAGENS, DROGAS E ADUBOS
MADEIRAS E MATERIAL ELÉCTRICO
ARMAS, MUNIÇÕES E CAMIONS DE ALUGUER
Sub-Agente SHELL — LUSALITE — MABOR

SHELL BUTAGAZ

7960 VIDIGUEIRA

Telefone 44152

Guia de Entrega Nº 3166

Secção F

8 de 9 de 1984

Il.^{mo} Sr. Instituto Arqueológico

Cáfila Aljustrelense — 7496 - A

de Coimbra

Quantidade	Designação	Preço unitário	Total
258	corda enrol	13000	260.00
1	rôlo fio nylon	17500	175.00
			435.00

Mrs T. Almeida

O PORTADOR,

Não aceitamos devoluções passados 8 dias da data do fornecimento

Figura 11. Factura de um jantar

12/10 (doc. n.º 108)

CAFÉ-RESTAURANTE

A ENCRUZILHADA

3.ª CATEGORIA

COM SALA PARA BANQUETES

Estrada da Circunvalação Telef. 4 43 29
Vidigueira — BAIXO ALENTEJO

Vidigueira, 10/9/84

Aperitivos			
Pão e Manteiga	80	00	
Sopa	220	00	
Peixe			
Ovos			
Carnes	1950	00	
Saladas			
Vinho	84	00	
Cerveja			
Mariscos			
Queijo			
Doce			
Frutas	94	50	
Café	122	50	
Brandy	17	50	
Águas	80	00	
Refrigerantes			
<i>gelados</i>	175	00	
Soma	2826	50	
Telefone			
Tabaco			
T. S. C. TOTAL			

Figura 12. Exemplo de inventário

<u>Ferramenta</u>	<u>Gimara</u>
✓ 3 cantaros	
✓ 3 picaros	
✓ 1 tesoura poda	nao maneta
✓ 2 regadores	
✓ 2 martelos pedreira	
✓ 2 foguetes pedra	
✓ 1 alicinho	
✓ 25 enxadas + 6'	
✓ 25 pás + 6'	
✓ 25 picaretas + 6'	
✓ 1 machado	
✓ 8 baldes de plástico	
✓ 1 alavanca	<u>arrivel requirido na Gimara</u>
✓ 5 carrinhos de mão	
✓ 1 grade metálica	
✓ 1 file	
✓ 3 bandeiras de ferro	
_____ x _____	

Figura 13. 7-9-1984: reportagem da RTP



Figura 14. Anúncio de conferência

RUÍNAS DE S. CUCUFATE
(Vila de Frades)

Na próxima 3ª feira, dia 9 de Setembro, pelas 21,30 horas,
na Escola Preparatória de Vidigueira, o Senhor Prof. Dr. Jorge Alar-
cção proferirá uma conferência acompanhada pela projecção de diaposi-
tivos e seguida de colóquio, sobre os trabalhos de escavação em cur-
so na villa romana de S. Cucufate(Vila de Frades).

trabalhadores (universitários e operários);

– que, para tratamento das pinturas a fresco da capela, estiveram connosco técnicos do Instituto José de Figueiredo.

Em suma, S. Cucufate foi aprendizagem nos mais variados sentidos e foi comunidade, convívio. Éramos jovens, propensos a partidas: aí aquele esqueleto da Escola (onde, no 1º ano, estivemos instalados) que ousámos embrulhar num lençol e deitámos numa cama e que bem assustou quem, vindo deitar-se mais tarde e sem acender a luz, se aprestava para nela se deitar!...

E não resisto também a desvendar que, em 1981, em quadras ‘de pé quebrado’, se procurou retratar a equipa francesa. Respiro três delas, do conjunto maior que religiosamente se guarda:

A Janine bolachuda
Cabelo louro ao luar
A simpatia em pessoa
O que queria era escavar!
Além da sesta ao meio-dia
E do «nescá» por primeiro
O Grão Chefe pensador
Já não quer gastar dinheiro
Seus calções proverbiais
E balalaica a voar
Seus bigodes colossais...
Vamos mas é lá calar!...

Essa do «gastar dinheiro» carece de explicação. É que, a determinado momento do percurso, começou a pôr-se o problema: escavámos, está certo; importa agora consolidar e, até, recuperar algumas das estruturas. E Robert Étienne foi peremptório: para a escavação, a França contribuía, para as operações de restauro e consolidação que não contássemos com os Gauleses!...

Ainda no âmbito das cantorias, como António Dias Diogo (também ele já falecido, em Agosto de 2020) se prontificara a ir à Torre do Tombo buscar documentação acerca do convento de S. Cucufate, inventou-se que, entre essa documentação, achara, em 1981, uma ode manuscrita inédita, em jeito dos *Carmina Burana*, aparentemente da autoria de um monge vidigueirense que vivera em meados do século XIII e por ali jazia sepultado e foi em Setembro de 1989 que, num dos quadrados, Nunes Pinto lhe terá descoberto o esqueleto. Reza assim essa ode:

Lá do céu S. Cucufate
Em Português bem pensando
Intelectual que se preza
Olha para nós com espanto
 Olha para nós com espanto
 Pra tamanha actividade
 «Vite, vite, a trabalhar,
 Quero ver profundidade!»
«Arrasa, arrasa esqueletos,

Medieval excrescência
Dum romanal monumento
Que tem tamanha imponência!
 Que tem tamanha imponência
 Que é preciso restaurar
 Mas eu não tenho dinheiro
 Nessa não quero eu entrar».

Afinal, S. Cucufate,
Que história é esta, afinal?
Quem se orgulha é o francês
Quem trabalha é Portugal?

E não se resistiu, por isso, a fazer a necessária adenda:

S. Cucufate
Rico santinho
Vem cá abaixo
Dar um jeitinho!
 Jeitinho grande
 Um empurrão
 Sempre prá frente
 Com o Alarcão!
Conimbriga já se acabou
Vidigueira está-se a acabar
Alarcão, Alarcão, dá cá um balão
Prá gente ir brincar!

Retrato pálido, este, não há dúvida, de um quotidiano fértil, na emoção da permanente descoberta, no desejo de saber mais e melhor.

A logística a tudo teve de dar atenção, num clima de que jamais se esquecerão quantos tiveram a dita de participar nesta aventura. Uma vivência que, aliás, tão bem foi retratada no texto que anunciou a iniciativa da sua evocação, quarenta anos passados, em Setembro de 2019, e que, às mil maravilhas (creio), pode servir de conclusão:

«O diálogo que todos os dias se ouvia tinha o seu resumo e tradução na Adiafa, momento que concluía e eternizava a comunhão dos envolvidos, sempre pautado pelos grupos de cantares que eram convocados a reunir-se. Encontro marcado na adega onde o vinho da talha, o pão, o queijo, os enchidos, o presunto e as azeitonas aplinavam as vozes que aos poucos se soltavam pelo tempo da planície.

Celebrar 40 anos das escavações de S. Cucufate é, antes de mais, celebrar a planície e os seus homens imortalizados no cante: os trabalhadores agrícolas que encontram seus ancestrais na *villa* romana de S. Cucufate. É, também, celebrar a ciência que junta a ciência académica e a ciência da vida; que associa a Academia com o Poder Municipal; que arrola o trabalho conjunto e partilhado para alcançar um bem maior.

Quarenta anos depois, e mesmo se a planície mudou, apresentamo-nos, os mesmos, para celebrar o bem maior: um bem arqueológico e patrimonial ímpar, que importa dar a conhecer melhor ao mundo e um bem cultural imprescindível que, por ser impensado, alcançou o passado com a armadura da partilha no presente.

S. Cucufate não deixará apagar o som que da terra saía cada vez que nos juntávamos para dar início à adiafa e, quatro décadas depois, reunimo-nos novamente, todos, para dar voz à terra.»

Escreveu, por seu turno, Jorge de Alarcão, ao concluir a monografia da *villa*, o nº 5 dos *Roteiros da Arqueologia Portuguesa* (Fig. 15):

«Ficou deserto o casarão, pasmado, amargurado de tanta solidão. Agora, quem o visita, se o souber entender, o ressuscita; mas há-de imaginar a herdade acordando com o cantar amarelo dos galos, a fadiga dos criados ou a mansidão do convento».

Imagina-se. Ressuscitado está!

2. BIBLIOGRAFIA CITADA

ALARCÃO, Jorge de (1998) – *S. Cucufate*. Roteiros da Arqueologia Portuguesa, 5. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

ALARCÃO, Jorge de; ÉTIENNE, Robert; MAYET, Françoise (1990) – *Les Villas Romaines de S. Cucufate (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.

MANTAS, Vasco Gil (1988) – Implantação rural romana em torno da *villa* de S. Cucufate (Vidigueira). *Arquivo de Beja*. Beja, 2ª série, III, 199-214.

MAYET, Françoise e SCHMITT, A. (1997) – Les amphores de São Cucufate. In *Itinéraires Lusitaniens*. Paris: Ed. E. de Boccard. 71-109.

NOLEN, Jeannette (1988) – Vidros de S. Cucufate. *Conimbriga*, Coimbra. 27 5-59 + VI estampas.

PINTO, Inês Vaz (1997) – Dolia de São Cucufate et jarres modernes de l'Alentejo: essai de ethnoarchéologie. In *Itinéraires Lusitaniens*. Paris: Ed. E. de Boccard. 110-156.

PINTO, Inês Vaz (2003) – *A cerâmica comum das villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

PINTO, Inês Vaz (2006) – A cerâmica comum bética das "villae" romanas de São Cucufate – uma revisão. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9/1 167-184.

PONTE, Salete da (1987) – Artefactos romanos e pós-romanos de S. Cucufate. *Conimbriga*. Coimbra. 26 133-165.

Figura 15. Capa do livro sobre S. Cucufate

